

Do nascimento das políticas de rede à poética de multidão

Isabelle Cordeiro Nogueira (UFBA)

GT – Dança e Novas Tecnologias

Palavras-chave: coletivos de dança, mídias digitais, auto-organização, multidão.

No final do século XVI e primeira metade do século XVII, houve uma transformação significativa na esfera humana, marcada pela análise e crítica das diferentes “artes de governar”. Essas mudanças, advindas de uma crise iniciada nos séculos XV e XVI com o fim do feudalismo e a ascendência da burguesia, trouxeram novas formas de relações sociais, econômicas e políticas. Com o aparecimento da ‘razão do Estado’¹ e a oclusão do império monárquico, as virtudes tradicionais de sabedoria e justiça, bem como as habilidades do soberano, dão lugar ao que foi denominado ‘governamentalidade’, ou seja, a necessidade do Estado de alargar as suas forças através do comércio e da circulação monetária interestatal, dinamizando as suas riquezas em prol de um aparelhamento militar. Estava em jogo a instituição da guerra como manutenção da soberania do Estado.

Mas a intensificação demasiada da força do Estado por meio da sua militarização detonou uma nova crise política. O chamado ‘liberalismo’ surgiu então, o qual veio a interferir nesta ordem estatal soberana. O liberalismo, na análise de Foucault, é um modo da sociedade se representar como “uma ‘maneira de fazer’ orientada para objetivos e se regulando através de uma reflexão contínua” (1997:90). O princípio deste sistema era de respeito aos sujeitos de direito e a liberdade de iniciativa dos indivíduos, e com essa máxima rompe com a ‘razão de Estado’ que buscou desde o século XVI o reforço do Estado para justificar uma ‘governamentalidade’ crescente.

Com a reflexão crítica sempre presente acerca de como se deve governar, e não mais pensar sobre quais os meios necessários para se manter no poder, o liberalismo inicia uma problemática que vai refletir sobre como e quando é preciso governar. Neste debate, surge então a questão da sociedade, como tema imediatamente vinculado ao

¹ Segundo Foucault, a ‘razão de Estado’ é, ao mesmo tempo, um saber (tecnologia diplomático-militar, que assegura e desenvolve as forças do Estado) e uma tecnologia política (‘polícia’ – conjunto dos meios necessários para fazer crescer o estado).

exercício do governar. O liberalismo indica uma tecnologia² específica de governo quando adverte sobre a questão do ‘governar demais’ e nessa conjuntura, iniciada na Europa do século XIX, na Inglaterra pós-guerra e pós-industrial é que surgiu o debate, inaugurado antes pelos gregos, sobre o que foi chamado de ‘vida política’- a prática governamental limita-se a um excesso antes permitido e torna-se assunto de debate público.

A questão crucial que surge neste debate e que serve à nossa discussão é entender as conseqüências deste movimento em relação ao papel da representação política na sociedade que cedeu lugar a uma política de participação. Os problemas específicos da vida e da população foram colocados em meio a uma tecnologia de governo, dando surgimento ao que foi denominado de ‘biopolítica.

Estamos diante de um pressuposto relativamente recente que é o de entender a vida humana, em todas as suas formas, como uma vida política, onde há intercruzamento de domínios múltiplos e diferenciados, e onde há um acúmulo de forças sendo testadas constantemente em suas possibilidades de permanência e desenvolvimento. Seja em pequenos movimentos locais, seja numa dimensão globalizada, os grupos ou coletivos têm ganhado força política e de certa maneira, estes coletivos têm chamado a atenção por serem um sintoma da contemporaneidade.

Segundo Negri e Hardt, os quais cunharam o termo multidão para entender os novos movimentos dos coletivos, declaram que estes significam a plena expressão da autonomia e da diferença de cada um coincidindo com a poderosa articulação de todos” (2004: 125).

No campo das artes, o pós-guerra europeu e americano também trouxe mudanças nos modelos estruturais de trabalho. Um exemplo marcante destas mudanças aconteceu, a partir de 1963, em Greenwich Village, na cidade de Nova York, transformando a arte e seu papel na vida americana, e tornando-se marco de outras muitas transformações no mundo da arte. Grupos de artistas afrouxavam a estrutura social e cultural vigente ao fundir vida pública e privada, trabalho e diversão, a arte e a experiência comum. Este movimento, segundo Bannes (1999) estava formando a base multifacetada de uma cultura alternativa

² Tecnologia é a maneira ou modo de fazer segundo um conjunto de conhecimentos e/ou principalmente por meio de princípios e pesquisas científicas.

que florescia na contracultura do final da década de 1960, que semearia os movimentos de arte da década de 1970 e moldaria os debates sobre o pós-modernismo da década da 1980 em diante.

Este movimento artístico e político foi exemplo e, possivelmente, gênese de uma forma de organização biopolítica de coletivos de dança, pois através das novas noções de arte, comunidade, democracia, trabalho e diversão, corpo, papel das mulheres, natureza e tecnologia, surgiu uma experiência profícua no Judson Dance Theater, por exemplo. Trabalhos de dança foram criados de maneira auto-organizativa, na maioria das vezes de maneira improvisacional, questionando o problema da estabilidade. A dança era criada por coletivos a partir da vida comum, a partir de ações cotidianas do corpo, fora do espaço tradicional do palco do teatro formal, ocupando ruas, edifícios e todo e qualquer espaço público.

Neste período, não somente os modos de produção de danças foram construídos de maneira a romper com o *status quo* garantido pela tradição das companhias e dos grandes balés de repertório, bem como pela geração moderna que detinha em suas formas de ‘saber fazer’ um ideário formal e comprometido com a experiência e a subjetividade de um só criador. A proposta do movimento da Judson Church era de rompimento destas categorias de pensamento para a experiência de novas maneiras de se organizar em modos de produção libertários.

Merce Cunningham, Steve Paxton e Ivone Rainer são exemplos de artistas da dança que atuaram neste movimento efervescente que pretendeu trazer o comum para a cena, re-elaborando a idéia de arte, colocando a sociedade como protagonista da ação de dança. As idéias de colagem, montagem, justaposição, acaso, *non sense*, fragmentação, episódio e criação colaborativa refletia todo o sentido de insatisfação que este movimento denominado pós-modernista queria provocar. A provocação chegava até as vias de envolver a platéia no espetáculo de dança, fazendo-a muitas vezes, mesmo que inconscientemente, participativa e cooperativa. A idéia de comunidade estava aqui já presente, mas não uma comunidade restrita, abrigada por um só território, mas uma comunidade global, onde todas as singularidades poderiam exercer as suas diferenças de forma igualitária.

Atualmente, os ideais deste movimento ainda estão em vigor e altamente disseminados na nossa cultura. Não somente os aparatos da comunicação, mas todo o processo de enriquecimento da cultura fez com que as relações entre sociedade e poder tomassem novos rumos. Na idéia de rede, de comunidade global, emerge uma conjuntura que integra descobertas científicas e tecnológicas, transformações políticas e sociais, arte, religião, enfim, muitos saberes que interagem e intercambiam informações.

A idéia de rede proliferou-se principalmente por meio das mídias eletrônicas que aceleraram para uma velocidade quase imediata os processos de aquisição e trocas de informações. Por meio dessas redes digitais as noções de interdependência, de colaboração e participação têm adquirido grande rapidez no âmbito mundial, forçando as instituições de controle político a acompanharem estas transformações. Na reflexão de Bauman, “ *os governos dos Estados não têm escolha senão seguirem estratégias de desregulamentação: isto é, abrir mão do controle dos processos econômicos e culturais, e entrega-los as “forças do mercado”, isto é, às forças essencialmente extraterritoriais*” (2003:89).

Seguindo essa tendência histórica, os processos auto-organizativos que envolvem coletivos de dança foram também contaminados por esta velocidade elétrica que permeia a rede mundial de computadores. Neste ambiente, a multiplicidade e a diversidade de sujeitos interagindo funciona como um meio de construção de uma práxis (ação consciente) e uma poiesis (ação pública, política) para uma nova maneira de construir ou produzir dança.

A tese de Negri e Hardt sobre uma nova ordem mundial, descentralizada e atuante por conectividade, ajuda-nos a entender a eminente necessidade contemporânea de coletivos de dança se auto-organizarem por coletivos inteligentes, ou seja, processos de criação interativos, democráticos, não-centralizados, múltiplos e diversificados, e que são altamente adaptativos `as mudanças do ambiente. Essa nova maneira de existir, segundo esses autores, seria a única forma de sobreviver ao atual estado de insegurança, conflitos e instabilidade em que vivemos. O termo ‘multidão’, adotado por Negri e Hardt é um conjunto de singularidades cujas diferenças não podem ser reduzidas a uma uniformidade que traz a idéia de povo, de corpo político – ‘dotado de uma cabeça que governa e um corpo que obedece, com órgãos que funcionam conjuntamente para dar sustentação ao

governante’, mas “é carne viva que governa a si mesma”(2005:140-141). A multidão encarna a metáfora do corpo para realizar uma democracia que reivindica um novo entendimento do corpo e da dança.

A idéia de coletivo que se auto-organiza como uma tendência contemporânea está nos novos entendimentos do corpo e também no modo como estes corpos se organizam em coletivos. Como exemplos dessa disseminação que vem ocorrendo na sociedade, o projeto Coletivo Couve-Flor Tronco e Membros, surgido em Curitiba, e o Coletivo T1, em São Paulo se constituem por este modo de produção emergente. A força dessa poética de multidão detona conceitos emancipatórios e já é uma realidade configurada num processo que é histórico e que se atualiza por redes cada vez mais amplas, pois a proliferação de coletivos se faz, no momento, de modo contundente, atingindo diversos campos da sociedade de maneira natural e continuamente inteligente, ou, eficientemente adaptativa.

BIBLIOGRAFIA

BANNES, Sally. (1999). Greenwich Village 1963: avant-garde, performance e o corpo efervescente.. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2003.

FOUCAULT, Michel. Resumo dos Cursos do Coll`ege de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JONHSON, Steven. Emergência – a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorgr Zahar Ed., 2003.

NEGRI, Antonio e HARDT, M (2001) . Multidão.Trad. Clóvis Marques .Record. Rio de Janeiro – São Paulo, 2005.

VIRNO, Paolo. Gramática de Multitude – para un análisis de las formas de vida contemporâneas. (<http://www.generation-online.org/c/fcmultitude3.htm>)